SEGUNDA **NO 2**



por **FERNANDO MOLICA**

O ressentimento presente de Paulo Honório

Na noite da última quinta-feira, na Janela Livraria de Laranjeiras, descobri que em junho passado, em uma dessas crônicas publicadas às segundas, fiz uma tabelinha tardia com o amigo Sérgio Rodrigues, escritor e jornalista.

No lançamento de seu novo livro, "Esse estranho agora" (Arquipélago), ele, provocado pelo mediador, Alvaro Costa e Silva, o Marechal, referiu-se a um artigo incluído na coletânea e que foi originalmente publicado em 2020, em meio à pandemia, na Folha de S. Paulo.

Nele, identifica em Paulo Honório, o fazendeiro protagonista de "S. Bernardo", de Graciliano Ramos, características de um comportamento político que, 86 anos depois da publicação do romance, mandava e desmandava em um país que não parava de contar e chorar seus mortos:

"Paulo Honório cava com violência miliciana um caminho de ascensão social numa zona rural em que a lei, embora presente, é formal e moldável pelos vencedores".

Na trama, o protagonista se deixa torturar pela incapacidade de conviver com a mulher, a professora Madalena, que, como observou o cronista, "trata bem os empregados da fazenda, escreve artigos para um jornal de província e tem ideias 'comunistas'".

Palavra que não tinha lido o texto do Sérgio quando, por aqui mesmo, citei "S. Bernardo" ao tratar de outro romance de Graciliano, "Angústia". Falei dos impasses de Paulo Honório, que identificava em Madalena uma espécie de ameaça; ela representava uma alternativa à brutalidade do marido.

Vi em Luís da Silva, protagonista de "Angústia" (livro lançado dois anos depois de "S. Bernardo"), uma renovação dos impasses do fazendeiro e, ao mesmo tempo, uma antecipação da opressão que Fabiano, de "Vidas secas", identificaria no soldado amarelo.

Valter Campanato/Agência Brasil



Em texto publicado em seu novo livro, Sérgio Rodrigues trata do protagonista do romance "S. Bernardo".

O olhar de Sérgio para "S. Bernardo" abre ainda mais as possibilidades de ver no romance uma espécie de oráculo; os impasses de Paulo Honório antecipam o ódio

Na conversa imaginária entre nossos textos, Sérgio (não dá para chamar de Rodrigues um sujeito que conheço desde a faculdade), foi mais fundo no aspecto político.

Na livraria, chamou Graciliano de visionário por ter, lá nos anos 1920, percebido e registrado o potencial destrutivo da amargura e do rancor. Em sua crônica, Sérgio ressalta que "S. Bernardo" "encapsula a história da formação socioeconômica do Brasil":

"Espero não tirar de ninguém o prazer de descobrir por si mesmo como Paulo Honório, sujeito autoritário e chucro, mas astuto e ambicioso, desgraça sua vida por puro ressentimento", ressalta no texto.

Frisa que o protagonista, ao se casar com Madalena, tentou, inutilmente, adaptar-se à ela. Embora tenha ideias modernizantes para a fazenda, ele é incapaz "de dar o passo seguinte no caminho das elites", o que implicaria apagar as marcas do passado "e aplicar um verniz humanista sobre a truculência, como forma de naturalizar e perpertuar a dominação".

O olhar de Sérgio para "S. Bernardo" abre ainda mais as possibilidades de ver no romance uma espécie de oráculo; os impasses de Paulo Honório antecipam o ódio pelo prazer e pelo conhecimento que, adorados pelo avesso, precisam ser atacados, agredidos e, mesmo, mortos.

A repulsa a Madalena ajuda a compreender a mesma raiva que hoje mobiliza tanta gente contra a atuação afirmativa de mulheres: "O meu desejo era pegar Madalena e dar-lhe pancada até o céu da boca", confessa Paulo Honório.

Preciso, Sérgio encerrou nossa conversa virtual com uma estocada, com a frase com que conclui a crônica (intitulada "O ressentimento será sua ruína"). Depois de mais um gole em um chope imaginário, declara que, na visão do protagonista do romance, melhor seria levar a fazenda à ruína do que reinventá-la em pauta civilizada: "Paulo Honório foi um precursor do bolsonarismo".